OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

20.º Anno — XX Volume — N.º 654

28 DE FEVEREIRO DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

D'um numero antigo do *Antonio Maria*. Dois mascaras conversam. Diz a uma vivandeira um pachá gordo:

«— Sinto-me burro.

E ella:

— Talvez esteja incommodado.

— Não. Felizmente estou no meu estado normal.»

Como pode alguem n'um dia d'estes estar no seu estado normal, a não ser o burro d'aquelle pachá?

Cornetas, cega-regas, gritos, pós, cocottes, serpentinas, tremoços, mascaras uivando, philarmonicas desafinando, garotos correndo, até aos que mais fogem do reboliço o entrudo os persegue.

Vae medonha em Lisboa a guerra contra os chapéus altos, peior que a dos turcos em Creta contra os christãos. Anda por cá em reboliço a policia, como diplomatas nas chancellarias. D'um lado a civilisação representada pelos gregos e pelo chapéu alto, do outro a selvageria representada pelo turco e pelo tremoço.

A policia no auge do desespero, morta de somno, mette na enxovia o cidadão pacifico que arreliou; as nações civilisadas mandam bombardear os insurrectos, que se defenderam contra os que os queriam fazer em postas. Tudo é carnaval, que anda tudo mascarado. Só uma differença: aqui é sujo, acolá é tragico.

Ditosos os que n'estes dias podem fazer as mallas e fugir, correr por esses campos.

O tempo vae lindo; veiu mais cedo este anno a primavera. As arvores vão todas rebentando e folhas muito verdes revestem já os altos ramos. As acacias são como enormes ramalhetes amarellos, a giesta já floresce e o tojo enche de enormes placas d'oiro as serras sombrias. Nos baixos humidos, ao pé das vallas, ha enormes tapetes de malmequeres brancos, amarellos, doirados; os miosotis abrem as floritas azues; vão-se desenrolando os lirios.

Os que ficam não teem outro remedio senão ir com os outros, como Maria, que afinal tinha juizo.

De poucas festas na alta sociedade se fala n'este entrudo. Mascaradas pelas differentes casas, ranchos de dominós entrando, intrigando um pouco, conhecidos logo, tirando as mascaras, pretexto para duas voltas de valsa, para uma entrevista, para uma pequenina *soirée*, a que deu maior graça e exponteneidade, a falta completa de programma.

Foram até agora as mais notadas pela animação, alegria e concurso de mascarados, as noites em casa das srs.as Marqueza de Rio Maior, Condessa da Guarda e Viscondessa da Varzea.

No mais o entrudo tem sido o que é sempre: hypocrisia d'uns que fingem que o carnaval são tres dias.

Quarta feira de cinzas o que apenas fazem é mudar de mascaras e de dominós. Tres dias escolhem ao acaso; no resto do anno meditam no fato e na cara. Mas o entrudo é sempre o mesmo. Rir para fóra ou rir para dentro, eis a differença. Todo o anno ferve a intriga, todo o anno ha sempre as duas classes de homens: os que comem e os que são comidos. Nem falta pelo anno adeante o chéché porco a dizer graças para pedir dez réis.

Ha muito homem serio, de lindo ar respeitavel, modos solemnes, ditos sentenciosos, cuja vida de mentiras é um perenne carnaval. Não aquelles sómente, que, d'index levantado, sentenceiam moralidades á Conselheiro Acacio e teem na banquinha da cabeceira as poesias obcenas de Bocage. Ha peior; ha os que a si proprios enganam e para si se mascaram de importancia, dando vulto a qualidades que não teem, nem sequer na imaginação, mas tão sómente na vaidade.

Mais em dia de entrudo passam elles a vida, que muitos d'esses a quem despresam, a que de olhar soberbo e beiço desdenhoso appellidam bohemios, e que só teem afinal o bom senso de se livrar de ridiculos e a philosophia da pobresa.

A vida é triste; rir um bocado da propria amargura é vingança a tirar d'uma desgraça.

E, se houver quem de tal duvide, appello para uma auctorisada opinião, a do meu amigo Thomaz de Mello.

Que bom livro o seu — *Bohemia Antiga* — que mais não fosse senão pela sinceridade com que foi escripto!

Mas, a mais do que isso, tem graça e tem sentimento. Fala-nos de coisas velhas, d'essa Lisboa que desappareceu, d'esse tempo em que havia menos gaz e menos policia, mais desordens e menos crimes.

Para quantos vêem esses tempos atravez as brumas d'uma memoria longinqua, n'uma luz que a saudade torna suavissimamente côr de rosa, todo o livro de Thomaz de Mello, tão alegre e cheio de vida, escripto com a tinta matisada que foi buscar ás memorias da passada juventude, é, por isso mesmo, cheio d'uma muito doce melancolia, que se respira até nas paginas mais risonhas e lhe dá uma poesia tão nossa portugueza. Talvez n'ella o proprio auctor não pensasse, mas não grado seu, porque poetica é a sua natureza, brilha como lagrima iriada em que brinca o sol, mesmo onde o não quiz, na pagina de mais hilariante comedia.

E' que tudo aquillo passou e advinha-se em todo o livro a saudade do que já foi. «Como é sombrio este caminhar na vida a tropeçar em sepulturas!» E os mortos, quando em sonhos nos apparecem vivos, e vivos os julgamos, teem o que quer que seja no rosto que nos diz que são mortos. Não se conta para rir uma historia de amigos que se foram, sem uma sombra no coração.

O livro abre pelo romance *Viagem a Sevilha*, em que Thomaz de Mello nos conta como se safou de Lisboa em companhia do humano-flauta, estrabico e microcephalo, e do D. Ramires, que lhe fôra enculcado pelo Vedra como especialista em quadros gothicos e que afinal era apenas um bom flautista com peneiras de excellente cavalleiro, apesar de nas cento e tantas paginas do romance não montar uma só vez. Conta-nos como se fez empresario, os espectaculos que deu, o celebre duetto de duas flautas com uma flauta só, a apresentação em alta escola do garrano comprado em Badajoz e que era completo, lasão, calçado dos quatro pés, bebendo em branco, mordendo como um cão e couceando como uma lebre. Toda essa historia, a travessia do Alemtejo, a estada em Badajoz e Olivença, a viagem atravez de Hespanha até Sevilha, o encontro de Natividad, cuja morte se presente ás primeiras linhas e emmoldura o livro em negro luctuoso até ás ultimas paginas, todos os epidosios imprevistos que se encadeiam, os ditos alegres, as notas comicas, tornam interessante a jornada, desde que o auctor sai da Travessa dos Burros, á Boa Morte, freguezia da Lapa, até que vê morrer a amante na casa de Sant'Anna, aos Terremotos, de volta já da capital da Andaluzia.

Não se abre uma pagina onde não

REAL THEATRO DE S. CARLOS

A CANTORA DARCLÉE

haja um episodio, um dito, um dialogo, que nos interesse ou nos faça rir.

Ao acaso:

«—Y usted que hace? interrogou D. Rafael.

— Eu domestico feras e trabalho com dois cavallos em alta escola.

— Y las feras? retorquiu D. Pedro.

— Veem a caminho de Hespanha. Sahiram hontem de tarde de Catefarás; devem cá estar d'aqui a tres dias.

— Onde és Catefarás? E's cerca de Lisboa?

— S. Paulo.

— Lo sé.»

A *Bohemia Antiga* acaba tristemente como as *Scenas da Bohemia* de Murger. Não ha sempre alegria, não; o que ha é corações bons e cabeças a escaldar. Goza-se e soffre-se por junto. Pode um homem, amando mil mulheres, dispender mais amor com cada uma, que outro que em toda a vida amasse uma só

E ponham de banda o paradoxo do padre Vieira que quer que o verdadeiro amor não tenha fim. «No amor o deixar de ser é signal de nunca ter sido. Deixou de ser, pois nunca foi; deixastes de amar, pois nunca amastes. O amor que não é de todo o tempo e de todos os tempos não é amor, nem foi; porque se chegou a ter fim, nunca teve principio. É como a eternidade, que, se por impossivel tivera fim, não teria sido eternidade.»

Mas isto dizia o padre Antonio Vieira do pulpito, e é de crer, para sua honra, que não fosse muito pratico no assumpto.

A morte de Natividad contada em duas paginas no final do romance é um trecho de verdadeira, boa, singelissima poesia. Lê-se com lagrimas nos olhos. Fim d'um romance, alegre, mais triste na sua vulgaridade que a hecatombe d'uma tragedia.

Paginas adeante, n'um contosinho, *A espada do Cardeal de Retz e um cavallo deitado á almargem*, apparece-nos Thomaz de Mello com novos amores. E quantos! e quantos! que a vida é assim.

Dia elle no final do livro: «Oh! bohemia que tanto amei! Ceus iriados da minha alegre juventude, com que saudade vos recordo na sombria e lamentosa noite d'esta velhice desamparada!»

A saudade é hoje sua companheira; para ella vae sorrindo, emquanto o carnaval lhe passa sob as janellas com seus guisos chôchos, suas risadas alvares.

Folia! Folia!... Toca a esquecer!

Esquecer!... Mas o quê, se elles não teem que esquecer?

E o velho a querer lembrar-se!...

João da Camara

AS NOSSAS GRAVURAS

A CANTORA DARCLÉE

N'uma epoca lyrica de S. Carlos que não tem primado pelo brilho de seus artistas, veio agora destacar-se fortemente a distincta cantora Darclée, que é uma gloria da opera franceza, a grande interprete da musica de Massenet, a grande actriz, tão artista quanto formosa, que em mais de uma epoca se tem feito ouvir no nosso theatro lyrico.

São muitas as operas em que o seu talento brilha, e agora estreiou-se com a *Manon*, que subiu á scena em a noite de 22 do corrente.

Foi mais um triumpho para Darclée a representação d'aquella opera, como o foi o *Fausto* que se representou em a noite de 27.

Publicando o retrato da celebre cantora prestamos homenagem ao seu talento, registrando a sua passagem pelo nosso theatro lyrico, onde tem brilhado tantas notabilidades artisticas.

INDUSTRIA PORTUGUEZA — A PRIMEIRA LOCOMOTIVA

Ha males que vem para bem, diz o dictado, que não deixa muitas vezes de ter fundo de verdade.

A crise financeira e economica que atravessamos desde 1890, tem sido estimulo para muita iniciativa e para muito desenvolvimento do trabalho nacional, e parece que quanto mais sobem os cambios e o premio do ouro, mais se desenvolve o trabalho nacional suprindo todas as necessidades do paiz, o que bem mostra os extraordinarios recursos d'este, tanto na riqueza do seu solo como na intelligencia da raça que o habita.

Agora mesmo que luctamos com a falta de trigo, que nos obriga a importar annualmente cinco a seis mil contos de cereaes, que são pagos em ouro, o que representa um desfalque perigoso para as reservas metalicas do paiz; agora que esse perigo se torna cada vez mais eminente, não falta quem deite as suas vistas para os vastos terrenos incultos, e veja, sem grandes defficuldades que poderemos em tres ou quatro annos produzir trigo que chegue e sobeje para todo o anno, livrando-nos assim da maior difficuldade que nos assoberba, a de exportar-mos annualmente tão grande quantidade do precioso metal.

E como isto tudo mais se remediaria, e bem, se infelizmente n'este paiz não se fizesse mais politica do que administração.

A industria metalurgica que por muitos annos apenas vegetava em Portugal, é uma das que, nos ultimos annos mais incremento tem tido; e se considerar-mos que este ramo é hoje um dos mais importantes em toda a parte, hoje que a machinaria e os productos metalicos occupam o primeiro logar na industria universal, devemo-nos applaudir pelos progressos que ella tem feito entre nos, chegando a competir com os centros productores mais adiantados.

O progresso que hoje temos a registrar, é dos que melhor podem satisfazer o nosso orgulho nacional, tratando-se de um producto que só se fabrica nos grandes centros industriaes metalurgicos. Trata-se de locomotivas de caminhos de ferro, que até aqui eram importadas do extrangeiro, e que a industria nacional provou poder fornecer com vantagem, nas duas locomotivas agora feitas nas officinas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

E animador este grande passo dado para a emancipação da nossa industria da dependencia extrangeira.

As novas locomotivas portuguezas já elevam os seus penachos de fumo por essas linhas fóra, affirmando o progresso nacional.

As duas locomotivas tem os n.os 110 e 117 e são destinadas aos comboios mixtos e de mercadorias. Podem attingir a velocidade de 40 kilometros puchando um comboio de 300 toneladas.

São do typo de tres eixos conjugados, com *tender* independente, tambem de tres eixos. A distancia entre os centros dos eixos extremos é de 3,m43, o diametro das rodas 1,m30; o comprimento total da machina é de 8,m50, e o seu peso 35 toneladas quando vasia e 38 com agua e carvão.

A caldeira está timbrada a 10 k, tendo a superficie total de aquecimento de 125,m2 13. O esforço de tracção é de 6,581 kilos. Cobre a tubagem uma abobada de barro refractario, systema introduzido em todas as machinas da Companhia pelo seu actual director sr. Boyer. Os cylindros são exteriores, de 0,m45 de diametro, sendo o curso do embolo 0,m65.

O tender tem seis rodas de 1,m12, sendo a distancia entre o centro dos eixos extremos 3,m27. A capacidade das caixas d'agua é de 8m3,45. O comprimento total do *tender* é de 6,m687.

Estas locomotivas foram feitas em menos de sete mezes nas officinas de Santa Apolonia da Companhia dos Caminhos de Ferro, officinas provisorias, sem a largueza sufficiente, porque ainda não estão reconstruidas as antigas officinas que arderam. Esta falta foi, por sem duvida mais uma difficuldade com que os operarios tiveram que luctar para levarem a cabo a obra, que á excepção dos cylindros e das rodas, tudo ali foi feito.

Os cylindros e as rodas vieram do extrangeiro, por não valer a pena fazel-as aqui, para o que seria preciso grandes peças de ferramente, que não haviam, e que mesmo não ha em algumas officinas extrangeiras que tambem fabricam locomotivas e vão buscar os cylindros e rodas ás fabricas especiaes.

Os trabalhos principiaram em 1 de junho e em dezembro já as locomotivas funccionavam. Trabalharam uns 50 operarios sob a direcção do chefe das officinas sr. Luciano Mathiote, coadjuvado pelos srs. João Dias da Costa contra-mestre, Isidoro Ramos, João Pinto Ramos, contramestre de torneiros, Eugenio Moreira e José Filippe Rocha.

O projecto das machinas foi do sr. João Ferreira de Mesquita, engenheiro encarregado do serviço do material de tracção, genio activo e intelligente que lhe dá toda a competencia apesar dos seus poucos annos. Foi elle que teve a iniciativa de obra tão arrojada, em relação á falta de pratica, em trabalhos d'esta ordem, e que felizmente fôram coroados do mais lisonjeiro resultado, animando a novo commettimento, pois a companhia já deu ordem para se começarem mais tres machinas de typo egual ao das que se fizeram e que terão os n.os 114, 116 e 119, e duas machinas *tenders* com os n.os 32 e 37.

Tambem ajudou aos projectos o sr. Francisco Maximo de Abreu, inspector do material de tracção.

As officinas da Companhia tem actualmente 425 operarios.

O CRUZADOR BRAZILEIRO «TIMBIRA»

Esteve no Tejo o cruzador brazileiro *Timbira*, um bello navio, recentemente construido nos estaleiros de Kiel e que vae em viagem para o seu paiz.

O *Timbira* é couraçado, de 1:030 toneladas deslocando 13 pés d'agua, com a força de 7:500 cavallos. Tem 17 boccas de fogo e 75 homens de tripulação, commandado pelo capitão-tenente sr. Albino Correia.

É muito comprido sendo mais alto á proa e quasi raso á ré. A machina tem dois canos e arma dois mastros couraçados com um canhão revolver em cada cesto da gavea. No mastro da prôa tem um *hotkiss* e outro no da ré. Estes mastros tem ainda dois grandes holophotes que projectam a luz electrica a grande distancia. Na prôa tem um lança tropedos.

Tem espaçosos alojamentos para a gente de bordo e magnificos beliches e armazens.

O *Timbira* veiu por Leixões onde o seu commandante contratou gente para o serviço de bordo, admittindo um fogueiro, doze chegadores e dois criados, o que acontece frequentemente com os navios brazileiros que visitam os nossos portos, onde quasi sempre mettem gente portugueza, que melhor resiste ao serviço das fornalhas nos climas quentes.

Houve porém qualquer irregularidade na admissão d'aquelle pessoal o que deu logar a reclamações por parte da auctoridade do porto, ficando este caso para se resolver diplomaticamente.

O *Timbira* recebeu a bordo a visita do sr. Dr. Assis Brazil, no dia 20 do corrente, que ali foi acompanhado do sr. Vieira da Silva, digno consul geral dos Estados Unidos do Brazil, e de outros cavalheiros e damas da colonia brazileira.

N'esta visita poude-se observar a boa ordem e aceio em que se encontrou o navio, que é realmente um bello barco.

O *Timbira* segue viagem para Pernambuco com escala pela Madeira e Palmas.

ASCENSOR MUNICIPIO-BIBLIOTHECA

Lisboa vae cada dia transformando-se, ganhando successivamente em commodidades e embellezamentos, sendo, sem duvida a maior d'essas commodidades os elevadores, n'uma cidade tão accidentada de montes como é a nossa capital.

Desde 1882, que se inaugurou o primeiro elevador, o da calçada da Gloria, e, tanto na capital, como na provincia, se tem multiplicado o systema de ascensores, contando-se hoje em Lisboa os elevadores do Lavra, ou do largo da Annunciada ao Campo de Sant'Anna, o da Estrella entre este largo e a praça de Luiz de Camões, o da Graça, que parte da rua dos Cavalleiros, o da Bica entre a rua de S. Paulo e o largo do Calhariz, o do Chiado, entre a rua do Crucifixo e a rua Nova do Carmo, e agora o do Municipio Bibliotheca, entre o largo de S. Julião e o largo da Bibliotheca, inaugurado no dia 2 de janeiro do corrente anno.

Todo este movimento de elevadores deve-se á iniciativa e actividade do engenheiro portuguez, sr. Raul Mesnier, que tem sido incansavel na propaganda d'este grande melhoramento e que tem estudado com amor e intelligencia o systema de ascensores, resolvendo os problemas mais complicados de curvas, voltas e distancias, como são bom exemplo o elevador da Graça e o de Camões-Estrella.

Outros elevadores estão ainda projectados pelo sr. Mesnier, em Lisboa, e que só esperam a opportunidade para se levarem á pratica.

O ascensor Municipio-Bibliotheca, de que nos occupamos agora, é uma construcção arrojada que honra sobremodo o seu auctor, e que marca um grande progresso para a engenheria e industria metallurgica portuguezas, porque foi feito por operarios portuguezes, e dirigida a sua construcção pelo sr. Antonio Silverio, habil e intelligente artista a quem foi confiada a armação do eleva-

dor, trabalho da maior difficuldade e responsabilidade, para se levar ao fim sem um desastre ou qualquer falta

O ascensor eleva-se na sua maior altura a 40 metros acima do solo Está construido n'um pateo para onde se entra por uma porta do predio do sr. José Street, no largo de S. Julião. Depois de se atravessar um corredor de 3 metros de largura e 22 de comprimento, encontra-se o pateo, que tem a forma de um trapesio e ahi se ergue o ascensor em suas fortes vigas de ferro que formam as torres. E por entre estas vigas que correm as *cabines*, nas calhas abertas nas mesmas vigas, transportando os passageiros.

Subindo o ascensor até á altura de 29m,6 chega-se ao primeiro pavimento, d'onde parte um viaducto que atravessa por sobre a calçada de S. Francisco á altura de 20 metros. e entra na propriedade do sr. visconde de Curuche, dando sahida para o largo da Bibliotheca.

O ascensor é de construcção elegante, o que se vê pela gravura que o representa como elle ha de ficar depois de concluido Assim acima do pavivento da chegada das *cabines*, encontra-se uma varanda circumdada de torres, cujo interior ao nivel do pizo da varanda, chamaremos primeiro andar. N'este andar está a grande roldana de passagem do cabo do ascensor, a qual ficará recoberta por uma caixa de madeira, deixando livre para o publico o recinto d'este andar. Acima d'este andar haverá outro mais vasto cercado de varanda, onde se poderá estabelecer um café ou *restaurant*, que decerto será dos mais agradaveis. principalmente no verão. Por sobre este andar haverá ainda um mirante encimado por um *vel veder*, onde se poderá disfructar o mais lindo panorama.

O ascensor Municipio Bibliotheca é por sem duvida uma das obras de engenheria mais notavel que se tem feito em Lisboa, e que honra tanto o sr. Mesnier, engenheiro que a planeou como os operarios portuguezes que lhe deram execução, e o sr. dr. João Maria Ayres de Campos que dispoz do capital, um verdadeiro benemerito que tão bom uso faz dos seus haveres, pondo-os á disposição de emprezas que concorrem para o progresso nacional.

OTHELLO

Foram tres dias de festa no castello de Harefield, onde a nova proprietaria do antigo solar dos Newdegate recebia a sua illustre hospeda, a velha Isabel, rainha de Inglaterra.

Decrepita, cançada, com o coração ennuviado pelas saudades do amante e esmagado pelos remorsos, a septuagenaria deixava-se enganar pelos cortezãos lisongeiros, que a obrigavam, para convencel-a de que a morte ainda vinha longe, a abrir os bailes, a ouvir os concertos, a presidir aos banquetes.

Foram as festas de Harefield dignas da poderosa princeza a quem eram offerecidas. Nem menos de dez mil libras custaram e todas as contas feitas por sir Arthur Mainwaring ainda existem nos archivos de Bridgewater-House.

Dez libras foram pagas á companhia do actor Burbage pela representação do *Othello*.

O palco fôra armado na maior das sallas do solar. A rainha no seu throno, rodeada pela côrte brilhante, que a seguira na viagem de dois dias, desde Londres até Uxbridge, assistia áquella primeira recita, vendo no coração do moiro ralado pelos ciumes, o proprio coração.

Ah! bem conhecia ella aquelle martyrio! E quantas damas ouvindo rugir Othello olhavam de soslaio para sua ama e senhora, immovel no throno, com olhos d'aguia reluzindo ainda no rosto encarquilhado!

A peça, inspirada ao poeta por um conto de Giraldi Cinthio e por elle transformado em obra de verdadeiro genio, a obra prima das obras primas do grande dramaturgo, como querem alguns criticos, representava-se essa noite pela primeira vez.

Que enorme impressão haveria ella de ter feito á regia espectadora, a toda a côrte brilhantissima, a todas aquellas damas resplendentes de pedrarias e plumas, a todos aquelles cortezãos em cujos peitos bateria, se não em todos, um coração como o de Othello, em muitos, pelo menos, o coração de Iago! E as muito novas sonhavam, e o typo do moiro ciumento que matava por amores e que de amores morria, seduzia-as!

Do palacio da Condessa, a tragedia passou para os theatros populares que se armavam nos pateos e onde os espectadores, que etiquetas não dominavam nem dirigiam, se deixavam mais facilmente impressionar e de pé nas bancadas applaudiam com delirio.

Ricardo Burbage, o melhor actor da companhia, dizem-o sublime. Essa noite creou elle o papel e, durante, dezoito annos foi elle a sua maior corôa de gloria.

Morrendo em 1619, a poesia popular ainda cantava saudosa os seus triumphos.

«Nunca mais ouviremos o joven Hamlet, apesar da sua respiração curta, gritando vingança pela morte do pae querido. Nunca mais o pobre Romeo verterá lagrimas por amor de Julietta e crueldade de Capuleto. Não mais veremos Henrique, nem como rei, nem como principe. Comtigo morreram, Ricardo querido, para não mais reviver. Debaide d'ora avante esperaremos comprehender o tyranno Macbeth de mão ensanguentada e nunca limpa... Calem-se d'hoje em deante Bruto e Marcio; que nunca o teu egual ha de subir ao palco. O velho Lear, o joven Péricles, Ricardo facilmente os interpretava. Mas não esqueçamos o melhor dos seus papeis em que, mais que em nenhum outro, nos sabia commover os corações: o moiro infeliz, que um miseravel fez ciumento, que á prematura cova enviou a esposa e se apunhalou no leito ensanguentado. Esse, e muitos mais, todos morreram com elle.»

Enchia-se todas as tardes o theatro do grande dramaturgo. Em prosa e verso veio até nós contada a impressão que no publico produzia a miseria do infeliz Othello, a morte da mesquinha Desdemona, a traição do perfido Iago.

Nenhum dos personagens de Shakespeare tem sido mais discutido do que este. Volumes e volumes dariam as opiniões dos criticos, dos commentadores, dos annotadores da grande tragedia.

Não chegaram infelizmente até nós noticias da maneira porque o grande Burbage interpretava o papel em que, por certo, fôra encaminhado pelo proprio poeta, com aquella extraordinaria sciencia de actor de que dá prova bastante no discurso de Hamlet aos comicos que veem ao palacio do Principe de Dinamarca representar a tragedia do *Rei Gonzaga*.

Tem o caso sido discutido na Inglaterra, na Allemanha, na França, nos Estados Unidos.

Exterior e interiormente o Othello não é bem conhecido. Era um negro d'uma raça inferior? Era um arabe descendente d'esses que estenderam o seu imperio, desde muito além do Mar Vermelho, por todo o norte da Africa, atravessando depois o estreito, e espalhando-se pela Peninsula Iberica?

Nem criticos, nem os maiores actores puderam nunca vir a accordo sobre o assumpto.

Querem alguns que o negro de beiços grossos, como Rodrigo lhe chama, seja um verdadeiro selvagem. Diz Schlegel, com cuja opinião concordam Guizot e Broglie, que Othello é apenas civilisado em apparencia. «O moiro *parece* nobre, franco, cheio de confiança, grato ao amor de que lhe deram provas; mas a simples força physica de paixão n'um só instante dissipa as virtudes adquiridas e faz com que o homem selvagem predomine sobre o homem moral.

Dão outros criticos muito maior vulto ao grande personagem de Shakespeare. Filho d'uma raça superior, cheio de virtudes e qualidades, a ninguem causa espanto que o Senado de Veneza unanimemente o encarregue de como dictador proteger contra os turcos a Ilha de Chypre. A superioridade intellectual de Othello é julgada essencial para o caminhar da acção dramatica.

Ainda, não ha muito, dois celebres actores inglezes, representando juntos, alternavam os papeis de Iago e de Othello. Ambos pela critica ingleza applaudidos no Iago, foram criticados no desempenho do heroe principal da peça.

Se compararmos as interpretações que os dois tragicos italianos ultimamente vindos a Lisboa deram ao papel do moiro de Veneza, veremos que Novelli concordava com os primeiros criticos de que falámos, quer na caracterisação exterior do personagem, quer em todas as deducções que, logicamente, para os sentimentos se devem tirar d'aquelle signal da raça a que o moiro pertencia; emquanto que Emmanuel, polindo-o, vestindo-o á veneziana, apenas dando no rosto uma ligeira tinta parda, nos apresentava um homem d'uma raça superior, digno da confiança dos doze e do amor de Desdemona.

Seja como fôr, sem discutir interpretações, sem querer saber qual a opinião do proprio auctor, a obra tem atravessado os seculos.

Impresso pela primeira vez em 1622, já depois da morte de Shakespeare, dizia o editor Thomas Walkley em carta preambular aos leitores: «Por si o que é bom se recommenda; e tanto é maior minha confiança que basta o nome do auctor para recommendar a obra».

A differença que vae do genio ao simples engenho separa da obra de Giraldi Cinthio a grande tragedia shakespeareana.

Um drama de ciumes n'uma alma ingenua, eis o que é a peça.

Desdemona, ouvindo o general Othello contar suas victorias apaixonara-se por elle, a quem só vira o rosto atravez a alma enorme. Triste sorte esperava a triste idealista. Raptada, amaldiçoada por Brabancio, seu pae, casára com o moiro. Entra Iago, o honesto Iago, o semi demonio perverso, mordido pela inveja, como a serpente no Paraizo. Elle arma a intriga, elle derrama no peito de Othello as primeiras gottas de veneno. O tenente Cassio, que a instancias de Iago bebêra um copo a mais, provoca desordens na Ilha de Chypre e é castigado pelo General. Desdemona intercede por elle junto do marido. E' Iago ainda quem aconselha o tenente e pedir protecção á esposa de Othello. Meia duzia de palavras vagas são sufficientes para que o negro sinta no interior do peito a mordedura perigosa do monstro d'olhos verdes. Cegou-o a paixão. Um lenço encontrado nas mãos de Cassio e mais nada é preciso para que o crime se consumma, Desdemona dorme na sua alcova, quando Othello entra, já com a tenção feita de lhe deitar ao pescoço franzino e branco as garras de tigre. Mas antes o carrasco quasi se arrepende do crime que vae commetter. Dorme a victima serenamente e elle beija-a: «O' halito perfumado, que obrigas quasi a justiça a despedaçar o gladio!... Um beijo! Um beijo ainda! Deixa-te ficar assim quando fôres morta, porque eu vou matar-te e amar-te-hei depois. Um beijo...! O meu ultimo beijo...!» Iago preparára friamente o drama. Desdemona morre ás mãos de Othello, que a enche de injurias. Moiro estupido, lhe chama depois Emilia, quando o convence da injustiça. E um suicidio termina a tragedia.

Traduzido por José Antonio de Freitas e por elle accommodado á scena portugueza o *Othello* foi em Lisboa representado pela primeira vez em 1884.

Foi innegavelmente um dos maiores serviços prestados á litteratura portugueza, pela empreza que ainda hoje dirije o theatro de D. Maria, este de tornar o grande tragico inglez conhecido do nosso publico.

Ha dias, depois de mais de doze annos de descanço nos archivos do theatro, reappareceram em scena Brazão, João Roza e Virginia nos mesmos papeis que tanta gloria lhes haviam conquistado.

A peça, uma das mais bem postas em scena que havemos visto n'aquelle theatro, obteve para os interpretes novos e merecidissimos triumphos.

Brazão, que é geralmente um artista mais de inspiração que de estudo, desempenhou o papel de Othello com superior criterio, trabalhando os minimos pormenores, procurando caracterisar, muita vez com extrema facilidade, o general moiro, simples e bom, ingenuo e terrivel, com mais facilidade vencendo os turcos na batalha do que desenvencilhando-se da teia apertada em que o honesto Iago lhe emmaranha as azas.

Toda essa scena em que Iago pouco a pouco, primeiro com uma exclamação hypocritamente involuntaria, depois com frazes que dão motivo a suspeitas, pequeninas reticencias, conselhos, opiniões, até á mentira cruel, lhe vai esmigalhando o coração, pervertendo o juizo, entornando-lhe nas veias o veneno corrosivo, é, tudo sem excepção representada pelo Brazão e João Rosa por uma fórma magistral que lhes dá fóros de grandes actores em qualquer parte em que representem.

O *Othello* continúa em scena. Nas tres ultimas recitas não havia no theatro um só logar devoluto. Ainda bem, sobretudo para honra do publico que, de quando em quando, bem precisa retemperar-se.

HISTORIAS PORTUGUEZAS

MEMORIAS DO MAJOR ***

MEU TIO FREI ANTONIO FERREIRA

II

O senhor estudantinho

Era na livraria da casa da rua Ancha, em Beja, onde habitavam os Ferreiras, que de ordinario se reunia o cenaculo de que vimos de fallar, e era alli tambem que costumava estudar as suas lições de

OTHELLO

INDUSTRIA PORTUGUEZA — A PRIMEIRA LOCOMOTIVA

(Copia de uma photographia do sr. Lamarão)

grammatica latina e de philosophia um senhorito, sobrinho dos donos da casa. Chamavam-lhe elles o *senhor estudantinho*. Era eu. Fino como um alambre, esperto como um azougue — um vivo diabrete. Orphão de pae aos tres annos, viera viver com minha mãe na companhia dos tios, e alli estava fazendo os meus estudos preparatorios. Destinavam-me á medicina, e iria frequentar a Universidade. Mas n'aquelle tempo os homens punham, e a França dispunha...

Aprendia pois o senhor estudantinho o seu latim na grammatica do padre Pereira e a philosophia no classico Genuense, quando lhe pontou no espirito, irrequieto e curioso, a idéa de ouvir o que diziam os sabios membros d'aquella academia. Elles fallavam, discutiam, disputavam até; citavam nomes que elle conhecia — o seu Tito Livio, Cicero, Platão, Juvenal, Sallustio, Santo Agostinho, mas entremeiavam com estes outros, que lhe eram completamente desconhecidos — Lucrecia Borgia, o papa Alexandre, Cesar Borgia, e muitas *donas* em que elle nunca ouvira boquejar, e os pintores Raphael, Miguel Angelo, e a Sixtina e o castello de Santo Angelo... E todas estas coisas faziam no seu espirito uma confusão de mil demonios, que já o não deixava dormir.

Tentou um dia fazer-se desentendido, deixando-se ficar, quando entrou o primeiro dos amigos de fr. Antonio, mas este voltara-se logo para elle, dizendo-lhe:

— Agora, vá para o seu quarto, senhor estudantinho.

O senhorito retirou, já se vê, mas não desistiu do seu proposito. Tinha resolvido ouvir tudo o que elles diziam nas suas tão animadas conferencias, e havia de ouvir. No modo porque o faria é que elle principiou a pensar, e não tardou em descobril-o.

Tinha a sala da livraria varias portas, e entre ellas uma condemnada; foi essa a escolhida por elle para a espionagem: encostado a ella e trepado a um banco, d'aquelle improvisado camarote gosava elle todo o espectaculo.

Então foi um sol novo, que raiou n'aquelle cerebro de treze annos — um sol novo para elle, mas velho para os outros! — Um sol decadente — o sol da Roma dos fins do seculo XVIII!

Que commentarios, para as suas lições de philosophia, que exemplos, para o seu curso de historia! O edificio da fé, levantado na sua alma desde os primeiros annos, principiava a alluir-se, e elle, a pobre creança entrava a desconfiar de que tudo eram illusões.

O incendio que me andava lavrando no espirito, rompeu finalmente para fora, e as lições, na aula dos frades, passaram a ser disputas encarniçadas, em que os golpes que eu jogava ás doutrinas do professor, em assumptos de moral e de metaphysica, pela sua audacia a tal ponto o surprehendiam e irritavam, que elle interrompia a lição, mandando pôr de joelhos, de castigo, o indisciplinado discipulo!

— De joelhos, sr. Ferreira! De joelhos! vociferava o padre-mestre. O menino lê os livros do seu tio.

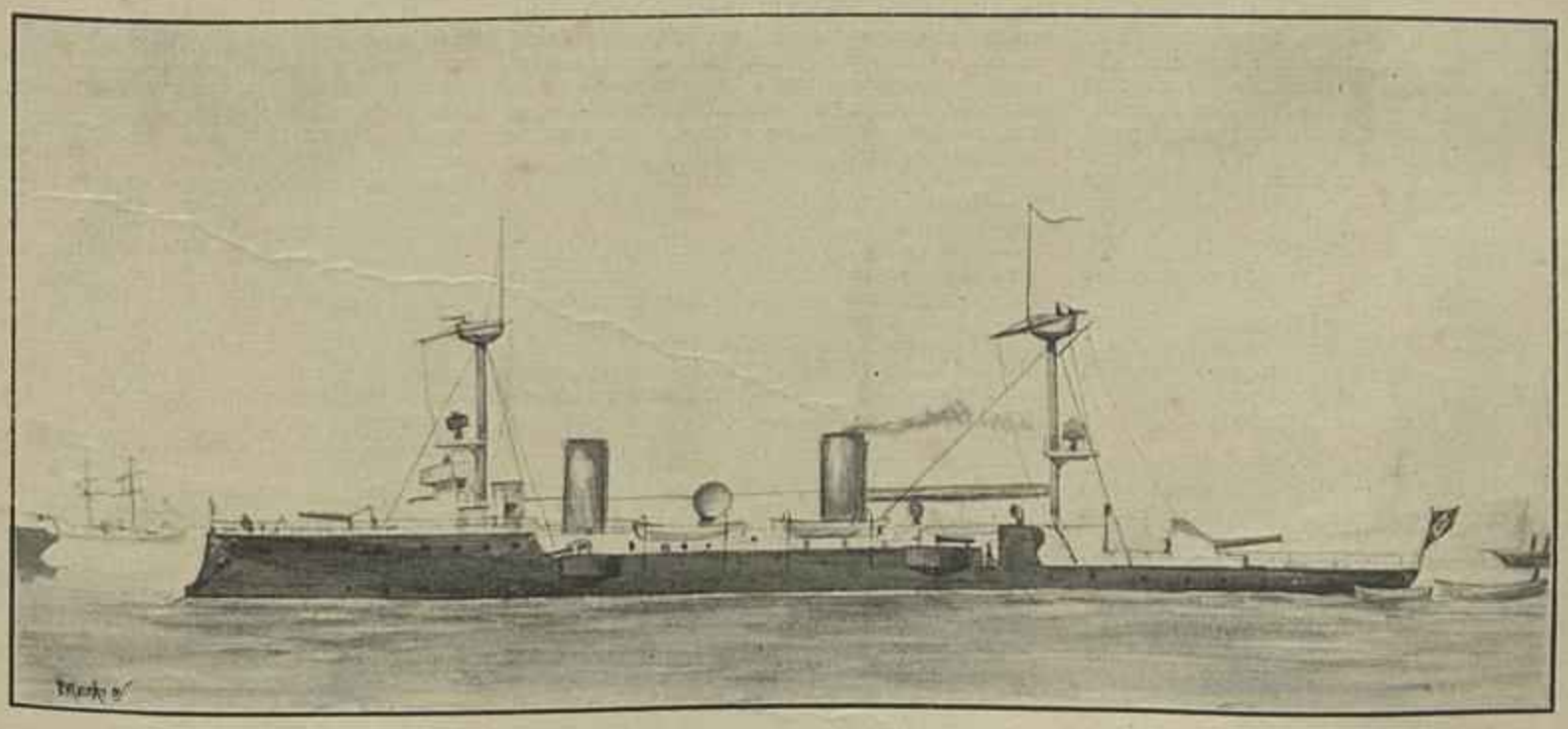
— Não leio, não, senhor — clamava eu, affrontado e choroso.

— O rapaz tem o demonio no corpo! *Credo!*

Depois a natural bondade do caracter, e por ventura as considerações mundanas, vinham abrandar e temperar as coleras do *magister*, que tambem dava a isto o desconto da vivacidade do discipulo — um dos seus predilectos — e fr. Antonio Ferreira — o frade tambem assim se chamava — vinha abraçar-me e pedir-me humildemente perdão dos seus arrebatamentos.

Fr. Antonio teria trinta annos, e era doente, — tysico. Um frade exemplar. Tomara ordens, sem vocação para a vida religiosa, obedecera á vontade de seus paes; mas, uma vez alistado na sagrada corporação, entendeu que não devia faltar aos seus compromissos, e compriu todos — tudo, desde os jejuns até aos cilicios! Morreu moço.

Estas scenas na aula de philosophia foram re-



O CRUZADOR «TIMBIRA», NO TEJO

(Copia de uma photographia)

petindo-se, como se iam repetindo as lições de philosophia e de historia, que o discipulo de fr. Antonio ouvia, em casa, do alto do seu esconderijo, sem que o frade podesse atinar com a fonte onde eu ia beber taes heresias.

Um dia, porém, e quando elle nem pensava n'isso, attento que estava, em nossa casa, sob a impressão da palavra de meu tio, eis que se ouve um grande barulho, como de trastes que caem, no quarto contiguo á sala!... Averiguada a causa do grande motim, disseram a meu tio que não era nada: fora o menino que tombara um banco.

Eu, além do susto da queda e d'uma escoriação, apanhei, como era natural, alguns cachações, com algumas lagrimas de minha mãe, mas para mim o maior castigo, além da vergonha de ser surprehendido a espreitar, foi o de perder para sempre o meu querido observatorio.

D'ahi por deante o tal quarto passou a estar sempre fechado á chave.

Zacharias d'Aça.

O NARIZ DO TABELLIÃO

POR E. ABOUT

IV

ELEVAÇÃO E DECADENCIA

Andou á procura quinze dias. A policia veiu em seu auxilio e trouxe-o por trilho errado, tres semanas. Toparam com meia duzia de Romagnés. Um agente subtil e muito experiente desencantou os Romagnés todos, com excepção d'aquelle que se pretendia. Deram com um invalido, um vendilhão de pelles de coelho, um advogado, um larapio, um marçano, um gendarme e um millionario. Messer L'Ambert fervia d'impaciencia, ao pé do lume, e contemplava com desespero o seu nariz escarlate. Até que emfim descobriram o domicilio do aguadeiro, mas já lá não morava. Contaram os visinhos que o homem fizera fortuna e trespassára o barril, para viver vida regalada.

Mr. Bernier deu batida ás tabernas e mais logares recreativos, e entretanto o seu doente lá jazia entregue á propria melancolia.

Em 2 de fevereiro, ás dez horas da manhã, estava o guapo tabellião, triste, a aquecer os pés e a entortar muito os olhos para contemplar a tal peonia florida que campava a meio do seu rosto, eis que alegre tumulto vem abalar a casa toda. Escancaram-se as portas com fragor, os criados, espantados, fazem algazarra, e por ali dentro entra o doutor, trazendo pela mão o Romagné.

Era o genuino Romagné, mas quão differente de si mesmo! Sujo, achavascado, hediondo, amortecido o olhar, o halito fedorento — trezandava a vinho e a tabaco. Da cabeça aos pés, todo elle encarniçado que nem uma lagosta cosida: aquillo não era homem, era uma erysipela com dois pés.

— Monstro! bradou-lhe Mr. Bernier, tu devias mas era morrer de vergonha. Aviltaste-te a par da mais infima besta. Se acaso tens ainda rosto humano, a côr é que já não. Como é que déste cabo d'essa fortunasinha que te arranjámos? Cahiste de roldão pelos tremedaes do deboche: fui dar comtigo muito além das fortificações de Paris, refastelado no chão, como um porco, á porta da tasca mais immunda.

Ergueu o auvernhez os olhos espantados para o doutor e, com entoação meiga, embellezada por certo sotaque suburbano, disse:

— Atão! que quer o chinhor? Fui pr'á pandiga! Nunca che biu? num é cajo pr'a estar pr'ahi co'echas tolices!

— Não estão más tolices! Estou mas é lançando-te em rosto as tuas torpezas. Ora ahi está! Porque é que, em vez de o derreteres em vinho, não foste pôr aquelle dinheiro a render?

— Atão elle num me diche que tratasse de m'e dibertir?

Tratante! exclamou o tabellião, fui eu então que te aconselhei a que fosses lá para fóra de portas emborrachar-te com aguardente e com zurrapa?

— Cada um trata de che dibertir conforme pode... andei mal os companheiros, já che chabe...

O medico pulou de raiva

— São frescos, os taes companheiros! E faço eu uma cura maravilhosa, cubro-me de gloria, a fama enche Paris com o meu nome retumbante, e qualquer d'estes dias abre-me de par em par as portas do Instituto, e tu... mais meia duzia de bebados da tua laia... veem deitar a perder de todo a minha obra! Se a coisa fosse só comtigo, co'a breca! entregavamos-te á tua sorte. E suicidio physico e moral; que um auvernhez de mais ou de menos, á sociedade que lhe importa? Trata-se, porém, d'um homem da melhor sociedade, rico, teu bemfeitor, e meu doente! O teu mau comportamento comprometteu-o, desfigurou-o, assassinou o! Vê em que lastimoso estado puzeste a cara d'este senhor!

O pobre diabo contemplou o nariz que ministrára, e desfez-se em pranto.

— Ai que disgrachia! chôr doutor! mas Deus nam m'accuda se eu chou o culpado. O nariz estragou-che por si. Captiva! eu cá chou home de bem, churo por esta, que num lhe toquei nem c'um dedo!

— Imbecil! atalhou Messer L'Ambert, nunca entendes nada... e d'ahi, que precisão tens de entender! Queremos que nos digas, sem rodeios, se estás ou não disposto a mudar de vida e a renunciar a esses costumes devassos, que estão a dar cabo de mim por tabella? Fica sabendo que tenho o braço comprido, e que se teimas em te agarrares ao vicio, prégo comtigo em logar seguro.

— Bou pr'á cadeia?

— Para a cadeia.

— Pr'á cadeia c'os malandros? Ai chechús! meu rico chinhor L'Ambert, perdoe-me! Olhe qu'isso lá pr'á minha gente era uma bergonha!

— Tornas a embebedar-te?

— Valha-me Deus! com'hei de eu beber, che chá dei cabo do dinheiro? Chá derreti os dois mil francos, chá derreti o barril e toda a traquinada, e chá num tenho n'este mundo quem me fie um dechilitro!

— Ainda bem, maroto! É bemfeito!

— Agora num ha outro remedio chenon ter chuicho! Entrou comigo a mijeria, chinhor L'Ambert.

— Até estimo!

— O chinhor L'Ambert!

— Que queres?

— Che o chinhor me quijesse fajer áquella de me arranchar com que desempenhar o barrilito, pr'a eu dar ordem á triste da bida, acardite que binha a ser oitra vez um rapaz ás direitas.

— Não caio n'essa! para tu o ires derreter logo em vinho!

— Lá icho, num chinhor, pode se fiar na minha palabra honrada!

— Protestos de bebado!

— Antão quer qu'eu estique pr'ahi á fome e á chêde? O meu rico chinhor L'Ambert, ch'eu tibesse cem francos de meu... creia...

— Nem um centesimo! Foi a Providencia que te pôz a tenir para que eu podesse recuperar o meu rosto natural. Bebe agua, come pão secco, priva-te do mais preciso, morre de fome, se puderes, pois só por tal preço poderei rehaver meus antigos predicados e vir a ser o que fui!

O Romagné deixou pender a cabeça e lá se foi, arrastando os pés e fazendo a sua mesura aos circumstantes.

O tabellião, todo elle era alegria, e o medico todo elle gloria.

— Não estou tecendo o meu proprio elogio, dizia com modestia Mr. Bernier, porém Leverrier quando, a poder de calculos, descobriu um planeta, não operou maior milagre do que eu. Adivinhei, pelo aspecto do seu nariz, que um auvernhez ausente e perdido por essa Paris, anda entregue á devassidão, e remontei do effeito á causa por caminhos que a humana audacia não intentára, até hoje, percorrer. Emquanto ao tratamento do mal que está padecendo, as proprias circumstancias o indicam. A dieta applicada ao Romagné é o unico remedio que o pode curar ao senhor. O acaso mostra-se o mais propicio possivel para nós, visto como esta alimaria comeu até ao ultimo soldo. O senhor andou muito bem recusando-lhe a esmola que pedia: emquanto este homem tiver com que beber, serão baldados quaesquer esforços da arte.

— Mas, doutor, interrompeu Messer l'Ambert, quem nos diz que não é essa a origem do meu padecimento? Quem nos diz que o senhor não está sendo o joguete de coincidencia fortuita? Pois não me affirmou ainda ha pouco que a theoria...?

— Digo e sustento que, dado o estado actual de nossos conhecimentos, o seu caso não admitte explicação logica. É um facto cuja lei está ainda por encontrar. A relação que hoje observamos entre a saude do seu nariz e o procedimento d'este auvernhez, franqueia nos uma perspectiva mentirosa, talvez, mas, sem duvida alguma, vasta. Esperemos para ahi uns dias; se o seu nariz fôr sarando á medida que o Romagné tomar juizo, a minha theoria reforçar-se-ha com o auxilio de nova probabilidade. Não respondo por coisa al-

POESIAS DIVERSAS

TEXTO

AO RETRATO

Retira! deixa-me! Parte!
Desprega os olhos dos meus!
Já te vejo em toda a parte...
Se continúo a fitar-te...
Nunca mais te digo adeus!

Para que ainda resista
A tua fascinação,
É preciso que eu insista...
Quero-te longe da vista...
Mas perto do coração...

Basta-me que andes comigo,
Sem nunca me abandonar,
Como um sentimento antigo,
Como a sombra de um amigo,
Como um anjo tutelar!

És o altar de oiro e opala,
Onde a santa, a quem perdi,
Deixa a mudez e me falla,
Deixa a inacção e me emballa,
Deixa a magua e me sorri.

Avisto-a em toda a pureza,
Surprehendo-a em todo o amor,
Abraço-a em toda a belleza,
Beijo-a em toda a singelleza,
Adoro a em todo o esplendor.

Já que a amizade te trouxe,
Guarda-m'a bem no seu ar!...
Não ha tesoiro mais doce!
Mas antes assim não fosse...
Quem tinha de me faltar...

Queiroz Ribeiro.

VERSIONE

AL RITRATTO

Vanne via! mi lascia! parti!
Gli occhi svia dal guardo mio!
Giá ti veggo in tutte parti...
E se séguito a fissarti...
Mai piú posso dirti addio!

Perch' io dunque ancor resista
Al tuo fáscino divin,
È mestieri allor che insista...
—Ti vo lungi dalla vista...
Ma al mio core ben vicin.

Basta al mio desir pudico
Non potermi tu lasciar,
Come un sentimento antico,
Come l'ombra d'un amico,
Come un Angel tutelar!

Sei l'altar d'oro lucente,
Dove Lei, che giá non é,
Tuttor parla alla mia mente,
Mi carezza dolcemente,
Né piú in duol sorride a me.

Io la veggo in sua purezza,
La sorprendo nel suo amor,
Io l'abbraccio in sua belezza,
Io la bacio con ebbrezza,
Io l'adoro in suo splendor.

Giacché quí amistá ti ha posto,
Me La d'ei cosí serbar!
È per me un tesor nascosto!
Ma nol fosse ella piuttosto...
Dacché a me dovea mancar!

Prospero Peragallo.

(V. *Cinzas* — pag. 99-100 — Lisboa 1896).

guma; presinto, porém, a existencia d'uma lei physiologica, ignorada até hoje, e formulal-a seria a minha ventura. O mundo da sciencia está cheio de phenomenos visiveis, resultantes de causas incognitas. Porque será que M.me de Z. ., que o senhor conhece tão bem como eu, apresenta no hombro esquerdo uma cereja tão bem estampada? Será, conforme dizem, por ter, certo dia, estando gravida, cubiçado ardentemente um cabaz de cerejas, á venda no estendal de Chevet? Quem foi o artista invisivel que tão bem delineou aquelle fructo no corpo d'um feto com seis semanas e tamanho como um caranguejo de mediana dimensão? Como se explica acção tão especial do moral sobre o physico! E porque motivo é que a cereja de M.me de Z..., quando chega o mez de abril, se apresenta sempre tão sensivel e dorida, mal que rebenta a flor nas cerejeiras? Cito-lhe factos verdadeiros, manifestos, palpaveis, e tão inexplicados como a inchação e a côr rubra do seu nariz. Mas, paciencia!

Dois dias depois, o nariz de M. L'Ambert desinchava de modo visivel; a côr vermelha, porém, é que estava teimosa. Ahi pelo fim da semana, o volume diminuira um terço, bem á vontade. Decorridos quinze dias, entrou a pelar rapidamente, creou pelle nova, recuperou a forma e a côr primitivas.

Triumphava o doutor.

Só o que sinto, dizia, é que não tenhamos engaiolado o Romagné para irmos observando n'elle, como no senhor, os effeitos do tratamento. Estou certo que, durante sete ou oito dias, o homem andou coberto de escamas como as cobras.

— Que vá para o diabo! accrescentou como bom christão, Mr. L'Ambert.

A datar d'aquelle dia, reassumiu os seus habitos: sahia de carruagem, a cavallo ou a pé; dançava nos bailes do bairro aristocratico e ia embellezar com a sua presença o *foyer* da Opera. As mulheres todas, no seu *mundo* e fóra d'elle, receberam n'o de braços abertos. Uma das que mais ternamente o felicitaram pela cura auspiciosa foi a irmã mais velha do amigo Steinburg.

Tinha a amabilissima menina por sestro mirar os homens com uns olhos que nem que fossem balas. E mui judiciosamente observou que Mr. L'Ambert ficára mais formoso em seguida á ultima crise. Sim! na verdade, dir-se hia que o padecimento, prolongando-se durante dois ou tres mezes, viera imprimir em seu rosto um não sei quê de acabado. Sobretudo, o nariz, aquelle nariz direito, reintegrado ha pouco nos verdadeiros limites, em seguida a tão acerba dilatação, parecia agora mais fino, mais alvo e muito mais aristocratico do que nunca.

Tal era tambem a opinião do lindo tabellião, que nos espelhos todos se revia com admiração sempre nova. Dava gosto vêl-o, frente a frente com a propria pessoa e sorrindo ao proprio nariz.

Porém, quando voltou a primavera, na segunda quinzena de março, e a seiva generosa engrossava os botões aos liláses, Mr. L'Ambert teve razões para acreditar que só o seu nariz é que ficára privado, quer dos beneficios da estação, quer das bondades da natureza. Em pleno rejuvenescimento das coisas todas, desmaiava como as folhas no outomno. As respectivas azas delgadas e como que resequidas pela acção d'um sirócco invisivel achatavam-se contra a membrana divisoria.

— Por vida minha! disse o tabellião, fazendo ao espelho uma careta, a distincção é coisa linda, tão linda como a virtude, mas no seu tanto. Não estou gostando nada do meu nariz: a modos que se vae pondo elegante de mais! E o peior é que se não trato de lhe ir restituindo a côr e as forças, d'aqui a pouco estará reduzido a méra sombra!

Chegou-lhe um bocadinho de carmim. A pintura, porém, logrou apenas realçar a indisivel finura da tal linha, tão recta e sem espessura, que lhe dividia em dois o rosto. Tal qual essa lamina de ferro batido, delgada e incisiva, que vêmos erguida em meio de qualquer relogio de sol, assim estava o phantastico nariz do tabellião desconsolado.

Debalde tentou o opulento indigena da rua de Verneuil condemnar-se á mais substancial das diétas. Considerando que a alimentação sã, digerida por estomago solido, aproveita, por assim dizer, egualmente ás partes todas do corpo, impôz a si a lei suave de tomar muitissimos caldos, extractos substanciaes, de comer carne em sangue em boas dóses e regadas com os mais generosos vinhos.

Dizer que alimentos tão selectos lhe não aproveitaram absolutamente seria negar a verdade manifesta e blasphemar contra o bom passadio.

Mr. L'Ambert, a breve espaço, entrou a crear bochêcha córada e rechonchuda, lindo cólo de touro apopletico e bella pansa redondinha. O nariz, porém, lembrava um socio que, por descuido ou desinteresse, não manda cobrar os respectivos devidendos.

* * *

Quando qualquer doente não pode comer nem beber, ás vezes, para o alimentar ministram-se-lhe banhos nutritivos, os quaes, penetrando os tecidos da pelle, lá vão até ás proprias fontes da vida.

Mr. L'Ambert pôz-se a tratar o nariz como se fôra um doente que é preciso sustentar á parte, e custe lá o que custar.

Encommendou para seu uso exclusivo uma banheirasinha de prata perfumada. Mergulhava-o seis vezes ao dia e conservava-o com extrema paciencia em banhos de leite, de vinho de Borgonha, de caldo gôrdo, e até de molho de tomate.

Tempo perdido! O doente sahia do banho tão palido, tão magro, tão deploravel como quando entrára.

A esperança parecia de todo perdida, eis se não quando, um dia Mr. Bernier bateu uma palmadinha na testa e exclamou:

— Cahimos em erro crasso! reverendissima asneira, que nem de cabo de esquadra!.. e fui eu!.. e em presença de um facto que facultava á minha theoria tão brilhante confirmação! — Tenha a certeza, meu caro senhor, de que o tal auvernhez está doente, e que a elle é que deve ser applicado o tractamento, até que o senhor fique restabelecido.

O pobre do L'Ambert, arrancava os cabellos, aos punhados! D'esta feita é que elle se arrependeu de vêras de ter posto na rua o Romagné, de lhe haver negado o auxilio pedido e de se ter esquecido de lhe tomar a morada! Afigurava-se-lhe estar vendo aquelle pobre diabo estendido n'uma enxerga, a finar-se, sem pão, sem rosbife e sem vinho de Chateau Margaux! — Com tal ideia, até lhe estalava o coração. Perfilhava as dôres d'aquelle pobre mercenario. Pela primeira vez na sua vida, lhe succedeu commover-se com os males alheios:

— Doutor, caro doutor, exclamou, apertando muito a mão de Mr. Bernier, dava tudo quanto tenho para poder salvar aquelle pobre mancebo!

Dez dias depois o mal tinha-se aggravado. O nariz estava reduzido a pellicula flexivel, que vergava ao pêso dos proprios oculos, quando Mr. Bernier lhe vêm dizer que encontrara o auvernhez.

— Victoria! bradou M. L'Ambert.

— O cirurgião encolheu os hombros e respondeu que a victoria lhe parecia um tanto duvidosa.

— A minha theoria, disse, está mais que confirmada, e, como physiologo, tenho motivos sobejos paa me declarar satisfeito; na qualidade de facultativo, porém, desejaria cural-o, e o estado em que fui encontrar aquelle desgraçado poucas esperanças me consente.

— Meu caro doutor, o senhor ha de salval-o!

— Em primeiro logar, não me pertence. Está em poder d'um collega meu, que o anda a estudar com certa curiosidade.

— Mas elle ha de ceder lh'o! Se tanto fôr preciso, compra-se!

Nem pensar n'isso é bom! O medico não vende os seus doentes. Mata-os, ás vezes, no interesse da sciencia, para ver o que é que elles tem lá por dentro. Transformal-os, porém, em droga de commercio, — isso nunca! Fogatier é meu amigo e talvez que elle me de o seu auvernhez; o tratante, porém, está muito doente, e, para maior desgraça ainda, sente tanto tedio á vida que não quer por fórma alguma sarar. — Deita fóra os remedios todos. Emquanto á alimentação, umas vezes queixa-se de que lhe não dão de comer, e reclama em altos gritos a ração, outras, porém, rejeita tudo que lhe apresentam e pede que o deixem morrer á fome.

— Mas isso é crime! Vou eu falar-lhe! Far-lhe-hei ouvir a linguagem da moral e da religião.— Elle onde está?

— No hospital do Hotel-Dieu — sala de S. Paulo, n.º 10.

— Deixou á porta o seu trem?

— Deixei.

— Pois vamos! Ah! esse patife quer morrer! Ignora acaso, que os homens todos são irmãos?

(Continua) *Pin-Sel.*

Recebemos e agradecemos:

A Peccadora, *por Henrique Peres Escrich, romance de costumes, versão de Esteves Pereira, fasciculos 14 a 25.—Empreza editora e typographica «O Recreio», de João Romano Torres, Rua de D. Pedro V, 84 a 88, Lisboa.* — Está quasi todo publicado este notaval romance, alcançando a fins do penultimo volume as folhas recebidas. Sendo agora a primeira vez que apparece em lingua portugueza, é por isso cheio de interesse e de novidade. Do seu alto valor são innegavel testemunho as numerosas edições que já conta, em varios paizes, nos quaes se proclamou esta obra como a mais bella de todas as que tem produzido o laureado romancista.

A Peccadora, como o seu titulo deixa perceber, é uma narração deveras interessante, mysteriosa, cheia de encanto, cuja leitura prende e empolga o leitor, subjugando-o pelo inesperado das peripecias, e pelo desenvolvimento do enredo, e de uma fórma verdadeiramente assombrosa pelas scenas emocionantes que descreve.

Moldado nas mesmas fórmas litterarias que, com subida justiça, tão grande fama tem dado ao seu talentoso auctor, o novo romance *A Peccadora* está destinado a um verdadeiro successo entre nós, como o teve já lá fóra. É o pleno convencimento d'isto, que nos leva a apresentar ao publico tão encantadora obra

Só quem conhece o genio litterario do previlegiado escriptor, póde imaginar como no assumto do novo romance *A Peccadora*, Perez Escrich soube harmonisar o mysterioso, a graciosidade, a galanteria e o accidentado da acção romantica com o exemplo moral que eleva o espirito do leitor deixando o satisfeito, apoz tantas scenas extraordinarias de profunda emoção. *A Peccadora* deve tornar-se pois a obra predilecta das do grande romancista. Da escabrosidade do assumpto, que ha mais tempo não permettiu a traducção de tão notavel romance, livrou-se o nosso amigo Esteves Pereira, vertendo-o discretamente e sabendo dar á narração um colorido e viva graciosidade dignas do entrecho.

Censo de 1890-1896. — Temos presente o volume I d'este importantissimo trabalho, publicado pela repartição de estatistica, o qual comprehende, além de diversos quadros graphicos, a varias côres, 330 paginas de texto.

Trata o presente volume dos fogos, população de residencia e população de facto, sexo, naturalidade, estado civil e instrucção.

Precede este trabalho um magnifico relatorio do distincto chefe da respectiva repartição, o sr. Eduardo Villaça, no qual se desenvolvem as operações do recenseamento. Na segunda parte, a que trata dos resultados, é que evidenceia as mais interessantes indicações da demographia.

Infelizmente, nem todas as inferencias são lisongeiras; é ver as da emigração instrucção e nascimentos.

A população portugueza está assim distribuida:

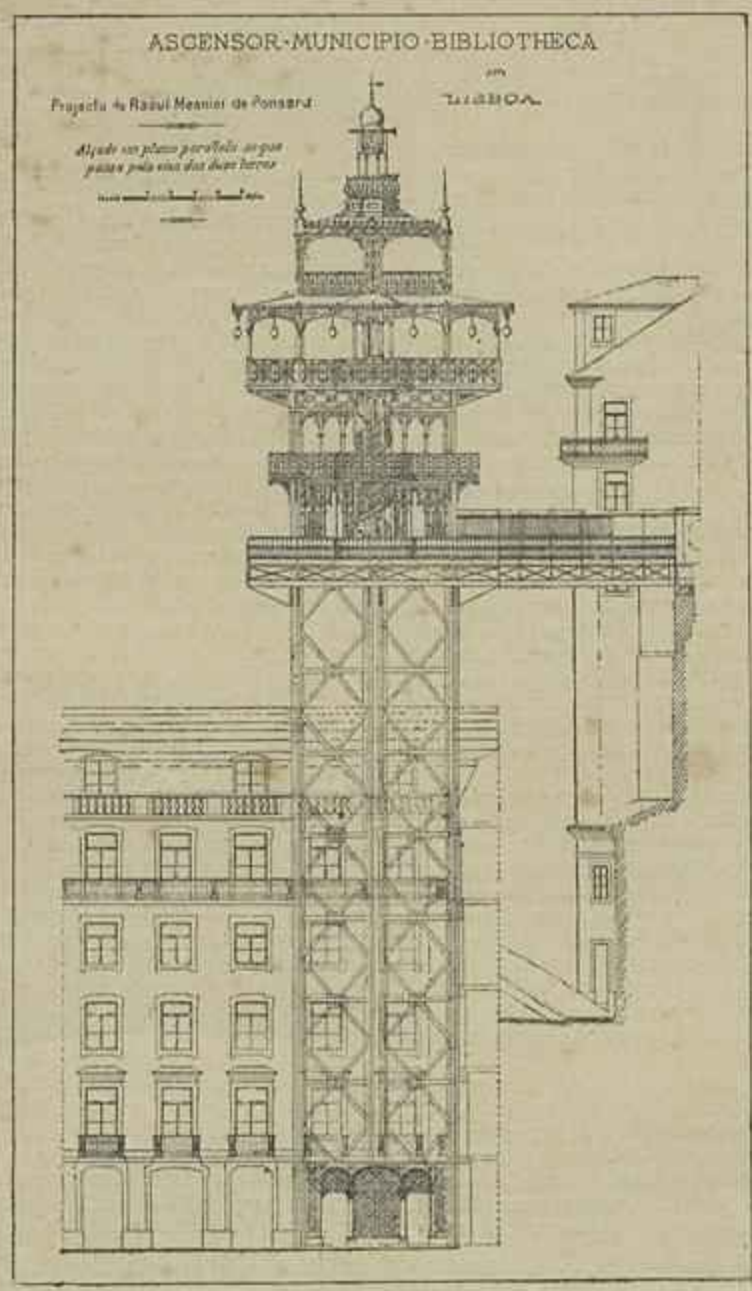
Provincias	Superficie kil. quad.	População	Densidade
Alemtejo.....	24.390	388.813	15,9
Algarve	4.850	228.635	47,0
Beira Alta	11.764	995.076	84,6
Beira Baixa	12.178	455.365	37,4
Extremadura...	17.382	1.083.200	62,3
Minho..... ..	7.273	1.091.936	150,1
Traz-os-Montes.	11.116	416.988	37,5

Não é menos interessante a nota da população das principaes cidades:

Lisboa.....	301.206
Porto.....	138.860
Braga.....	23.089
Setubal.....	17.581
Covilhã.....	17.561
Coimbra.....	16.985
Evora.....	15.134
Elvas.....	13.291
Tavira.....	11.538
Portalegre.....	10.534

Todas as outras teem população decrescente, sendo a ultima Miranda do Douro, que tem 994 habitantes.

Esperamos, pois, com interesse a publicação



dos dois volumes seguintes que, segundo ouvimos, estão quasi promptos.

Ladainha, *por Antonio Correia d'Oliveira. Typ. do Commercio. 1897.* — A *Ladainha* é gracioso prenuncio de obras poeticas de maior folego, que como o presente poemeto hão de suggerir uma impressão doce e consoladora. Esta phantasia symbolica revela notavel aptidão, as suas estrophes são bem sentidas, e rescende um vago mysticismo amoroso e puro que nos transporta o pensamento a regiões ethereas.

A questão orthographica e o Instituto de Coimbra *(Documentos e explicações). Coimbra. Typographia França Amado M. DCCC XCVI*

O livro que temos presente é uma plena e necessaria justificativa da nobre commissão de redacção do *Instituto*, que estava encarregada de superintender na publicação do volume respectivo a este anno de 1896. Era constituida pelos srs. Antonio Augusto Gonçalves, Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Antonio José Teixeira de Abreu, Francisco José de Sousa Gomes e Joaquim Mendes dos Remedios, cujos esforços por elevar a conceituada revista se manifestaram brilhantemente.

A referida commissão inaugurou a uniformidade da orthographia na sua revista, e nós mesmo tivemos occasião de aqui felicitar vivamente os illustres redactores pela sua deliberação, cuja importancia então frisámos, e hoje se torna obvio encarecer.

Infelizmente, por manejos que não nos compete apreciar, vimos o *Instituto* recahir na mesma desordem e contradicções de orthographia e agora sabemos, pelos documentos publicados, toda a verdade: A commissão iniciadora da uniformidade de orthographia foi substituida e retirado o honroso mandato que proficientemente ia cumprindo.

Noticiando a apparição d'estes documentos, que elucidam completamente o assumpto, fazemos votos para que o *Instituto* adopte, como promette, uma orthographia determinada scientificamente, mas que a não imponha, que seja permittida a discussão da legitimidade d'ella por pessoas competentes, e possa servir de exemplo, que bem necessario é.

E mais uma vez felicitamos a illustre commissão justificante, pela sua brilhante iniciativa que bem merece perdurar.

Toireiros e Toiradas, *por José Pampilho, prefacio de Trindade Coelho. Lisboa.* 1896.—Este interessante volume, de collaboração variada e elegante, tem 207 paginas, nitidamente impressas e illustradas com crescido numero de retratos dos principaes artistas tauromachicos, contendo tambem muitas anedoctas, chronicas e narrativas.

Recommenda-se este livro, não só pela reputação do seu auctor, Antonio Ferreira Barros (*José Pampilho*), distincto chronista tauromachico das *Novidades*, mas tambem pela graça que revela e variedade no assumpto.

Fabrica Industria Nacional da Pampulha. *Kalendario para 1897.* Brinde do sr. Eduardo Costa offerece aos seus amigos e consumidores da sua fabrica de bolachas a primeira do paiz pela perfeição dos seus productos e largueza do consumo, premeada em todas as exposições a que tem concorrido, nacionaes e extrangeiras, o que lhe dá um logar proeminente na industria portugueza e muito particularmente na especialidade do fabrico de bolachas, em que tem atingido o maximo da perfeição, competindo e até excedendo a perfeição de eguaes productos inglezes, o que honra muito o incansavel e intelligente industrial, sr. Eduardo Costa.

O Kalendario é de bonito desenho a côres, executado nas officinas lithographicas da Companhia Nacional Editora a cargo de Justino Guedes, e contem, além do retrato do sr. Eduardo Costa e uma alegoria á sua industria, um quadro representando a partida de Vasco da Gama para a descoberta da India, em julho de 1497, facto historico altamente patriotico e glorioso, que nunca é demais recordar, e que o sr. Eduardo Costa intelligentemente escolheu para assumpto do seu artistico e delicado brinde, cujo gentileza da offerta muito agradecemos.

Almanach Auxiliar para 1897. *Typographia Auxiliar de Escriptorio. Coimbra.* E' uma publicação nova de indiscutivel utilidade. Alem dos attractivos de curiosidade, encerra: noticia descriptiva e illustrada de Coimbra, ephemerides historicas, sentenças de pensadores e homens célebres, tabellas, esclarecimentos e formulas, quotidiannamente necessarias nos usos da vida pratica, com paginas para apontamentos relacionadas com o kalendario e destinadas a notas e lembranças de todo o genero.

E' um livrinho portatil e muito bem impresso.

Relatorio *e contas da direcção da Associação de Soccorros Mutuos Homœpatha Lisbonense.* Este relatorio contem tambem o parecer do concelho fiscal relativo ao anno de 1896, 23.º anno da sua existencia, do qual se mostra a importancia da prestimosa associação e o seu desenvolvimento.

Herança abençoada *romance por Guilherme Read Cabral Ponta Delgada. Typographia Elzeveriana 1896.*

Ha bastante tempo, que temos para noticiar a offerta do livro acima; e não se julgue que foi esquecimento imperdoavel o haver deixado de o mencionar a devido tempo. Quizemos ler todo o romance, porque só assim poderiamos com justiça, consignar a impressão que nos deixou.

O enredo é simples de mais para construir um romance como o auctor o intitula, todavia as scenas são bem conduzidas e algumas revelam merecimento, aparte ligeiras hesitações assás vulgares em trabalhos identicos, e em geral uma narrativa bem feita e interessante.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1897

Está publicado este interessante annuario, contendo alem do kalendario e de todas as tabellas do costume, um largo extracto da *Campanha d'Africa contada por um sargento*, com muitas gravuras de retratos e combates.

Publica tambem um resumo da *Nova Sciencia de Curar pelo Methodo Kuhne* com receitas da cosinha vegetariana, etc.

Uma linda capa em côres representando a **Prisão do Gungunhana por Mousinho de Albuquerque.**

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se encommendas na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO
LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39